

LINGUASAGEM

ESPACIALIDADES DISCURSIVAS: SENTIDOS E SUJEITOS NAS PROJEÇÕES MUDIÁTICAS DO TOCANTINS¹

Elizangela Araújo dos Santos Fernandes²

Damião Francisco Boucher³

Thiago Barbosa Soares⁴

RESUMO

Nessa propositura reflexiva, descrevemos e interpretamos uma das várias redes de dizeres sobre os espaços urbanos tocantinenses, a saber, o *Aeroporto Brigadeiro Lysias Rodrigues* e a *Estação de ônibus Apinajé*, à luz dos princípios e procedimentos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso. Para tanto, o *corpus* deste estudo é composto por duas notícias, uma veiculada no *Portal da Infraero* (2016) e a outra no *Portal O Coletivo* (2012). Ao final desse percurso, esperamos compreender o cingir dessas redes midiáticas na projeção e manutenção de formações imaginárias que estabelecem também a projeção dos espaços urbanos e sentidos circulantes em sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso fundador; Espacialidades; Urbanização; Projeções midiáticas.

ABSTRACT

In this reflective proposition, we describe and interpret one of the several networks of sayings about urban spaces in Tocantins, namely, the *Brigadeiro Lysias Rodrigues Airport* and the *Apinajé Bus Station*, in the light of the theoretical and methodological principles and procedures of Discourse Analysis. Therefore, the *corpus* of this study is composed of two news, one published

¹ Artigo derivado do projeto de pesquisa intitulado *O sucesso midiático como ponte para o sucesso político* sob o número de registro 3536 junto à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UFT.

² Graduada em Letras português/inglês pela Universidade Estadual de Goiás – UEG (2005), especializada em Linguística, Ensino de língua materna e Alfabetização – UEG (2006), Bacharel em Direito pela Universidade Estadual do Tocantins – UNITINS (2019), Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins – UFT (2021), campus de Porto Nacional - TO. Professora de Língua Portuguesa e Inglesa da Rede Estadual do Tocantins. Assessora Jurídica da Secretaria Municipal de Educação de Dianópolis/TO. Advogada OAB/TO. E-mail: elizangelabibi2@yahoo.com.br.

³ Graduado em Letras português/inglês pela Universidade Federal do Tocantins – UFT (2012), especializado em Análise do Discurso Político e Jurídico (2017) e especializado em Psicologia Junguiana, ambas pela Faculdade Unyleya do Rio de Janeiro e mestre pela Universidade Federal do Tocantins, campus de Porto Nacional. É parecerista da revista Porto das Letras, Porto Nacional e professor de Língua Portuguesa e Inglesa na Rede Dom Bosco de ensino. Email: boucherplace@gmail.com.

⁴ Graduado em Letras, português/inglês, pela Universidade do Vale do Sapucaí, em Psicologia pela Universidade Paulista (2014) e em Filosofia pela Universidade de Franca (2014), especializado em Estudos Literários pela Faculdade Comunitária de Campinas (2013), mestre em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2015) e doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2018). É membro pesquisador do Laboratório de Estudos do Discurso (LABOR-UFSCar) e professor nos cursos de graduação em Letras e de pós-graduação *stricto sensu* em Letras da Universidade Federal do Tocantins no campus de Porto Nacional. Email: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

on *Portal da Infraero* (2016) and the other on *Portal O Coletivo* (2012). At the end of this analysis, we hope to understand the scope of these media networks in the projection and maintenance of imaginary formations that also establish the projection of urban spaces and circulating meanings in society.

KEYWORDS: Founding speech; Spatialities; Urbanization; Media projections.

Considerações iniciais: memórias, palavras e coisas

O percurso que propomos fazer inicia-se nas avenidas e ruas da cidade de Palmas, Tocantins, em um lugar materialmente real, todavia não pousaremos somente nos espaços urbanos os quais carregam marcas da atualidade e do passado. Pelo contrário, traçaremos as rotas da locomotiva midiática que, lançando mão das memórias, das palavras e das coisas, fazem funcionar efeitos de pioneirismo, tracejando o novo a partir do velho. Estas, como projeções de um passado indeterminado, criam as fábulas e as utopias as quais “desabroçam, contudo, num espaço maravilhoso e liso; abrem cidades com vastas avenidas, jardins bem plantados, regiões fáceis, ainda que o acesso a elas seja quimérico” (Foucault, 1999, p. 12). Diferente das heterotopias que projetam lugares (geográficos e históricos) não hegemônicos e não homogêneos, as utopias transformam a linguagem e a história em um ponto linear e, ao seu bel-prazer, projetam aquilo que uma dada ordem social produz.

A reflexão proposta por Michel Foucault (1999), em sua obra *As palavras e as coisas*, sobretudo no tocante às utopias e às heterotopias, assim como a menção à natureza potencial, material e recursiva das “fábulas e dos discursos”, possibilita-nos, dentre tantas outras coisas, compreender melhor a ordem invisível que determina o funcionamento das cidades. Essa ordem quase imperceptível, a qual Ítalo Calvino (1990) descreve em seu romance *As cidades invisíveis*, é responsável pela organização social, determina o modelo de cada sistema (educacional, de transporte, religioso, de saúde etc.) e até mesmo daquilo que pode ou não ser dito sobre esses modelos. Nesse direcionamento, tal tema, *memórias, palavras e coisas*, é atual e relevante, especialmente no campo da linguística e das ciências humanas, mas, sobretudo, é pertinente hoje, por exemplo, em relação à análise do discurso, cultura ou estudos sociais, uma vez que dialoga intimamente com a produção e circulação de sentidos nos espaços ocupados pela sociedade.

Nessa perspectiva, percebemos que as materialidades físicas das cidades são ainda clivadas pela materialidade histórica. E, ao entrecruzar a concepção de materialidade

física ao campo filosófico, podemos afirmar que as cidades são também atravessadas pelo materialismo histórico que, como descreve Soares (2022, p. 15), projeta “a base sobre a qual repousa a visão do homem em sociedade”. Essa ordem invisível, ou melhor, os discursos, ao afetarem sujeitos e sentidos no “*ricochete* entre os pontos A e B” (Pêcheux, 1997, p. 82, grifo nosso) em uma interação enunciativa, permitem a projeção idealizada ou o silenciamento constitutivo (Orlandi, 2007) dos espaços determinados como indesejáveis e, por conseguinte, daqueles que os ocupam.

No caso das espacialidades urbanas e de seus sujeitos, com um movimento incessante de resgate das memórias constitutivas do ambiente e da ambientação⁵, os discursos passam a funcionar como fundadores essenciais das cidades, discursivizando a estagnação, o progresso ou a (de)cadência dos espaços. Tão frequentemente, esses efeitos de sentido encarnados nos meios urbanos dão ossatura e musculatura, delineiam, delimitam não somente as cidades do ponto de vista geográfico, “num espaço maravilhoso e liso; (...) com vastas avenidas, jardins bem plantados” (Foucault, 1999, p. 12), mas também simbólico e histórico, representando a dimensão recursiva e complexa do imaginário humano. As forças invisíveis supracitadas cujo funcionamento (re)constrói as cidades são descritas no subcapítulo *As cidades e a memória* (Calvino, 1990) como interações entre “um aqui/agora” e “um lá/ontem”, ou melhor, entre a atualidade da cidade e o seu passado:

A cidade não é feita disso, mas as relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado: a distância do solo até um lampião e os pés pendentes de um usurpador enforcado; o fim esticado do lampião à balaustrada em frente e os festões que empavesavam o percurso do cortejo nupcial da rainha, [...], mas a cidade não conta o seu passado ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras (Calvino, 1990, p. 7).

⁵ Termos utilizados para fazer referência às espacialidades as quais, nesse trabalho, definimos como “um espaço ocupado e organizado socialmente por sujeitos em suas relações com a atualidade e com as memórias”. Enquanto o ambiente representa o espaço propriamente dito, a ambientação denomina os climas emocional e comportamental (não no sentido psicologizante, mas na afetação de sentidos pela linguagem) determinados pelas relações de força e de poder. Ambos estão interligados por aquilo que Courtine (2014, p. 106) designa como sendo um “efeito de memória”.

Ao examinar o trecho acima, observamos a descrição de Calvino (1990) sobre uma passagem em que Marco Polo, mercador, embaixador e explorador veneziano conta, na tentativa de projetar não só o vasto território da Mongólia, mas a vida em sociedade e as relações que transformam a cidade, sobre as estruturas das cidades para o grande imperador mongol, Kublai Khan. Com essa descrição, Calvino apresenta a relevância do papel das memórias na manutenção do funcionamento urbano. Pela compreensão que podemos obter do projeto enunciativo de Polo, constatamos que essas “relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado” nada mais são que as memórias circulantes em sociedade (Pêcheux, 2015), funcionando na manutenção das relações de força e de poder, marcando, traçando e delineando os sentidos e os espaços urbanos através da linguagem, assim como desencadeando a possibilidade do novo não “no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (Foucault, 2014, p. 25).

Diante dessa explanação, dentro de nossa propositura reflexiva, descrevemos e interpretamos uma das várias redes de dizeres sobre as cidades à luz dos princípios e procedimentos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso. Especificamente, observaremos o cingir dessas redes midiáticas na projeção e manutenção de *Formações Imaginárias* (doravante FIms) que pela interpelação de indivíduos em sujeitos e pelas relações de força (Althusser, 1992; Pêcheux, 1997) estabelecem também a projeção dos espaços urbanos e dos sentidos circulantes em sociedade. Através das mídias (rádio, televisão, jornais, sites etc.), essas redes trabalham na atualização do discurso fundador (Orlandi, 2001) e põem em relevo o papel constitutivo das memórias (Achard *et al.*, 2015) quando faz reverberar/atualizar seus efeitos no campo intradiscursivo (Courtine, 2014), ou melhor, no ato enunciativo.

Posto isso, nossa investigação se propõe a entender que pensar os espaços urbanos da capital do Tocantins, em uma perspectiva discursiva, implica em considerá-los como espaços de produção de sentidos, remetendo-os ao político, ao simbólico, tendo como materialidade a linguagem. Desse modo, faz-se necessário compreender, à luz da Análise do Discurso, como nesses espaços significam e são significados os sujeitos que habitam neles, em outros termos, buscamos compreender a cidade discursivamente, refletindo sobre o sujeito e sobre os sentidos historicamente constituídos sobre o Norte de Goiás, considerando a memória, as condições de produção, a linguagem como mediadora necessária entre o homem e a realidade natural e social. Dito isso, prescrutar os espaços

urbanos de Palmas por meio da mídia e essa através daqueles é necessariamente entender os efeitos de sentido que estabelecem o que se diz sobre o norte e como se diz, de modo a perceber qual a imagem que o tocantinense faz de si e do outro e como o outro projeta a imagem do tocantinense e de si mesmo em um jogo que sustenta as relações de força e, conseqüentemente, contribui para a manutenção de uma formação imaginária que idealiza o Tocantins como o espaço a ser explorado e situa o tocantinense na posição de obediência, o sujeito colonizado.

Neste percurso discursivo (Soares, 2022), questionamos as evidências que apontam tais redes de dizeres sobre as cidades como “práticas midiáticas de natureza informativa”, através desse movimento, propomos mostrar o funcionamento da manutenção de certas formações imaginárias sobre as cidades e os sujeitos que as transformam. Assim delimitamos nossos esforços analíticos aos dizeres sobre os espaços urbanos tocantinenses, a saber, o *Aeroporto Brigadeiro Lysias Rodrigues* e a *Estação de ônibus Apinajé*. O primeiro atualiza uma série de memórias sobre o desbravamento e o pioneirismo, dois desdobramentos do “discurso das descobertas” (Orlandi, 1990, p. 238); o segundo faz emergir do campo constitutivo dos sentidos não só a metáfora da conservação e da selvageria, mas também uma resistência ao discurso colonizador (Orlandi, 1990), marcando a (des)continuidade histórica do povo indígena e produzindo, na comparação dessas redes de dizeres, a oposição semântica de progresso *versus* atraso.

O *corpus* selecionado abrange um total de duas notícias que representam uma minúscula fração das redes de dizeres sobre as cidades. A primeira é discursivizada no dia 5 de outubro de 2016 pelo *Portal da Infraero* e traz a manchete *Aeroporto de Palmas completa 15 anos de operação*, a segunda é veiculada pelo portal de notícias *O Coletivo*, na matéria intitulada *Transporte Coletivo: Estação Apinajé ganha guichê com banheiro para funcionários e motoristas*, publicada em 23 de novembro de 2012.

Dessa perspectiva analítica que apresenta o embate ideológico entre o “eu” e o “outro” e marca a (des)continuidade histórica da confrontação entre o “velho” e o “novo”, entre o “progresso” e a “estagnação”, estabelecendo também o controle da linguagem “na relação com o ‘outro’” (Orlandi, 1990, p. 38), esperamos compreender como essas redes de dizeres sobre a cidade trabalham na representação dos espaços, na manutenção

do patrimônio simbólico e histórico e na afetação tanto dos sentidos quanto dos sujeitos (Orlandi, 2015).

Considerações teóricas

Em 1969, no escrito *Análise Automática do Discurso (AAD-69)*, Michel Pêcheux produz uma ruptura significativa com o pensamento vigente ao propor o relevante deslocamento da “estrutura da língua” para o “funcionamento da língua”. Ele passa a considerar não a função da língua, mas o funcionamento discursivo. Este é concebido por Pêcheux como “efeitos de sentido entre os pontos A e B” (Pêcheux, 1997, p. 82). Tais efeitos de sentido também devem ser considerados como materialidades recursivas, como uma rede de dizeres sobre as cidades que pensada na construção e disposição dos meios urbanos se apresentam materializados na *Formação Discursiva* midiática. Não só por aquilo que os sujeitos enunciam, silenciam, interditam, corroboram etc., mas também pelo ato de nomear espacialidades (instituições públicas ou privadas, edifícios, avenidas, ruas, becos, favelas, “lugares esquecidos”, entre outros monumentos dispostos no espaço/tempo) que, discursivizados, projetam o poder simbólico da administração pública no espaço social, da (des)continuidade histórica da força desbravadora, colonizadora, enfim, do discurso fundador (Orlandi, 2001).

Como mencionado anteriormente, tais redes de dizeres projetadas na configuração urbana trabalham na região da interpelação de indivíduos em sujeitos (Althusser, 1992). Essas retroalimentam as representações simbólicas. Também adiam, em parte, o esquecimento, o apagamento histórico pelas reverberações das memórias, pela atualização de sentidos e, conseqüentemente, pela manutenção das *Formações Imaginárias*.

A respeito das FImS, podemos reafirmar que estas “dizem respeito ao lugar ocupado por A e B cuja representação no discurso se dá por antecipações implicadas na cadeia falada” (Soares, 2018, p. 116). Dessa forma, funcionam como imagens reproduzidas pelos participantes de uma interação, ou melhor, de uma confrontação. Essas são reguladas por um “gatilho interacional”, uma confrontação representada por elementos verbo-visuais (Boucher; Soares, 2020), os quais determinam em cada sujeito a imagem que esse faz de si e do outro, as FImS como projeções sociais regulam um

acontecimento deflagrado pelo confronto entre o “eu” e o “outro”. Esse (des)encontro reproduzindo a manutenção da rede de dizeres sobre as cidades só pode ser considerado possível pelo resgate de memórias armazenadas em um “lá/ontem” e que fazem emergir em um “aqui/agora” a atualização desses dizeres (Foucault, 2014).

Do relativo reaparecimento das mesmas memórias e da relativa e aparente ligação⁶ entre as palavras (língua) e as coisas (cidade) e da inerente relação entre a função constitutiva das memórias e estas duas supracitadas estruturas (linguística e urbanística), apresentam-se o funcionamento discursivo e a subjetivação trabalhando em um intrincado processo de entrecruzamento de sentidos. Às vezes estabilizando (paráfrase), às vezes deslocando sentidos (polissemia), esses “enlaces discursivos” que enredam os acontecimentos de forma silenciosa promovem a possibilidade da (res)significação do mesmo (Orlandi, 2015).

Sobre esse processo de estabilização e de deslocamento semântico, movimentos naturais da linguagem que tornam possível toda produção de sentidos, faz-se necessária uma reflexão acerca de seus efeitos. Primeiramente, ao trazermos o pensamento de Hermógenes, em *Crátilo* (Platão, 1988), que defende a designação de qualquer coisa pelo nome que se deseja, trazemos à luz a posição da convencionalidade entre as palavras e as coisas:

Hermógenes – Posso designar qualquer coisa pelo nome que me aprouveres dar-lhes, e tu, por outro nome que lhe atribuíres. O mesmo vejo passar-se nas cidades, conferindo por vezes cada uma aos mesmos objetos nomes diferentes, que variam de Helenos para Bárbaros (Platão, 1988, p. 105).

Ao levantar a questão sobre a arbitrariedade e a naturalidade da ligação entre os nomes e as coisas designadas, Platão (1988) lança luz àquilo que hoje conhecemos por efeitos da interpelação. Esses partem de um conjunto de saberes socialmente preestabelecidos e predeterminados cuja afetação dos sentidos e, sobretudo, de sujeitos no meio urbano, inicia-se pela interpelação do indivíduo em sujeito (Pêcheux, 1997). Essa interpelação se dá através de interdependências institucionais (proteção familiar, ensino

⁶ No *Crátilo* de Platão, há uma discussão entre Sócrates, Hermógenes e Crátilo sobre os nomes, pensados como imitações da realidade ou que estes são incapazes de dizer a essência das coisas. Há nesse aspecto a concepção naturalista e convencionalista em confronto na relação entre nome e coisa nomeada.

escolar, crescimento espiritual, cuidados com a saúde, necessidade comercial, etc.), suas disposições (casa, escola, igreja, hospital, comércio, etc.) e, respectivamente, seus condicionamentos ideológicos (Althusser, 1992). Por essa razão, respeitando, é claro, o devido distanciamento epistemológico entre o pensamento platônico e althusseriano, podemos afirmar que a convencionalidade respeita uma ordem de hierarquização e de condicionamento social.

Tais condicionamentos estão inerentemente atravessados por esquecimentos da ordem da enunciação (zona nº 2) e “da instância do inconsciente” (Pêcheux; Fuchs, 1997, p. 176-178) (zona nº 1). O esquecimento da zona número 1, da instância ideológica, imprime em nós a ilusão de que somos a origem do que dizemos, quando na verdade retornamos àquilo que já se encontra no conjunto de dizeres que determina ao sujeito aquilo que pode ou não ser dito (Pêcheux, 1997), a saber, a *Formação Discursiva* (doravante FD). O esquecimento da zona nº 2 produz em nós a ilusão referencial a partir da qual acreditamos haver uma relação “natural” entre as palavras e as coisas.

Esse último esquecimento (zona nº 2) nos possibilita compreender o funcionamento das paráfrases sintáticas e das sinonímias linguísticas reproduzidas no interior das redes de dizeres, tornando viável a percepção de continuidade, ou seja, da relação de sentidos estabelecidas entre as FDs (Orlandi, 2015). As relações de sentido estabelecem que esse discurso, materializado na instância enunciativa sob a forma de pré-construídos (Henry, 1990), isto é, “elementos citados e relatados” (Pêcheux, 2015, p. 46), aponta para aquele que já se encontra no campo interdiscursivo em uma rede de dizeres aparentemente adormecida e indefinidamente sem origens (Orlandi, 2015).

Por essa razão, os dizeres sobre as cidades não respeitam a ordem cronológica. Pelo contrário, determinados por “condições de produção econômicas” (Althusser, 1992, p. 50) e de “relações de força” (Pêcheux, 1997, p. 314), saltam do ponto A ao ponto X, retornam ao ponto B e ao ponto Z e, na aparente materialização de uma cronologia real, são projetados nas instâncias enunciativas suas utopias ou distopias históricas. Nesse mesmo sentido, Orlandi (1990, p. 35) afirma que

a história está ligada a práticas e não ao tempo em si. Ela se organiza tendo como parâmetro as relações de poder e de sentido, e não a cronologia: não é o tempo cronológico que organiza a história, mas a relação com o poder [...] a relação com a história é dupla: o discurso é

histórico porque se produz em condições determinadas e projeta-se no futuro, mas também é histórico porque cria tradição, passado, e influencia novos acontecimentos. Atua sobre a linguagem e opera no plano da ideologia, que não é assim mera percepção do mundo ou representação do real.

Por isso, cabe-nos a percepção dos efeitos da tradição, do passado, isto é, do papel das memórias (Achard, 2015) na afetação dos sujeitos e dos sentidos ao analisar os novos acontecimentos discursivizados pela mídia (Orlandi, 1990). Compete-nos também a infundável tarefa de dissipar o véu da (des)continuidade histórica que atravessa não somente as espacialidades urbanas, mas também os sujeitos que as habitam. Assim, ao objetivarmos compreender o funcionamento dos sentidos e sujeitos nas projeções midiáticas do Tocantins, tomamos produções discursivas referentes aos espaços urbanos de Palmas.

Análise: projeções midiáticas do Tocantins

Para uma melhor abordagem didática, nosso percurso analítico tem como *corpus* duas notícias. Analisamos, primeiramente, os dizeres sobre o *Aeroporto Brigadeiro Lysias Rodrigues* em uma publicação veiculada no dia 5 de outubro de 2016 pelo *Portal da Infraero*, trazendo o título *Aeroporto de Palmas completa 15 anos de operação*. No segundo momento, analisamos a notícia contendo os dizeres sobre a *estação de ônibus Apinajé*, publicada no portal de notícias *O Coletivo* com a matéria intitulada *Transporte Coletivo: Estação Apinajé ganha guichê com banheiro para funcionários e motoristas*.

Em um primeiro momento, tecemos algumas considerações iniciais que nos trazem a relevância das relações de força, do papel das memórias e do funcionamento das espacialidades discursivas, no interior dos dizeres sobre a cidade de Palmas; em seguida, apresentamos a estruturação dos princípios e procedimentos teóricos e metodológicos, assim como a abordagem didática que direciona este batimento descritivo e interpretativo, passamos à análise.

Notícia 1: Infraero - AEROPORTO DE PALMAS COMPLETA 15 ANOS DE OPERAÇÃO

5 de outubro de 2016

Único terminal operado pela Infraero no Tocantins, o Aeroporto de Palmas/Brigadeiro Lysias Rodrigues completa nesta quarta-feira (5/10) 15 anos de operação. A estrutura está instalada num dos maiores sítios aeroportuários do país, com 23,7 milhões de m². No ano passado, mais de 640 mil passageiros utilizaram o terminal, cerca de 10 mil a mais que a movimentação registrada em 2014. [...] **Acessibilidade** - O aeroporto foi o primeiro da Infraero a receber, em 2014, o Sistema ELO, uma solução de acessibilidade aos passageiros, especialmente para aqueles com deficiência e ou com mobilidade reduzida. A estrutura compreende conectores que interligam, ao nível do solo, as salas de embarque e desembarque às aeronaves, possibilitando que as pessoas transitem por esse trajeto com segurança, pois ao final de cada passarela estão presentes uma escada e um elevador. Outro aspecto do ELO é a climatização dos conectores, que proporciona conforto aos passageiros que embarcam ou desembarcam na capital do Tocantins, conhecida por registrar altas temperaturas. **Histórico** - O nome do aeroporto - Brigadeiro Lysias Rodrigues - é uma homenagem ao pioneiro da aviação no Tocantins, responsável pela fundação do primeiro aeroporto do estado, o Porto Nacional, localizado na cidade homônima.

Em 1997, a Infraero assumiu a administração do aeroporto provisório (em virtude da recém-criada cidade de Palmas). Dois anos depois, em setembro, foram iniciadas as obras de construção do novo aeroporto, finalizadas em 24 meses. A Infraero inaugura em 2001 o novo Aeroporto de Palmas, por ocasião do 13º aniversário do Tocantins, em 5 de outubro de 2001 (Infraero, 2016).

Primeiramente, observamos que o título *AEROPORTO DE PALMAS COMPLETA 15 ANOS DE OPERAÇÃO* se estrutura em caixa-alta para enfatizar a comemoração de aniversário de operação do Aeroporto de Palmas. O numeral 15 marca a debreagem enunciativa de natureza temporal e, acompanhado pelos sintagmas “anos” e “de operação”, representa a constituição dos efeitos de distanciamento temporal de sua inauguração, profundidade, continuidade histórica e certificação de funcionamento. Por serem pré-construídos (Henry, 1990), esses sintagmas projetam discursivamente o desenvolvimento urbanístico da cidade e o progresso empreendido pela administração do aeroporto (*Infraero*). Estes efeitos de desenvolvimento e de progresso respectivamente são representados na discursivização do site da *Infraero* através desse interstício de quinze anos.

A referida data (15 anos de operação) marca a memória constitutiva dos aniversários do aeroporto se considerarmos outros processamentos parafrásticos possíveis que, pressupostamente, se estendem até o interior histórico de sua inauguração e nos permitem perceber a relação de sentido existente entre esses discursos (Orlandi, 2015).

Ora, se a notícia enuncia que *AEROPORTO DE PALMAS COMPLETA 15 ANOS DE OPERAÇÃO*, podemos também pressupor que houve um *14, 13, 12, 10... DE COMPLETA OPERAÇÃO*. No enunciado “(...) Outro aspecto do ELO é a climatização dos conectores, que proporciona conforto aos passageiros que embarcam ou desembarcam na capital do Tocantins”, podemos perceber outros efeitos de progresso desses anos de operações. De outro modo, os sentidos de “15 anos” recebem os efeitos de progresso por aquilo que fala antes no sintagma “operação”. Um pré-construído que em sua generalidade reverbera um conjunto de esforços coletivos para atingir um ideal. Deslizando para o sentido de “missão”, esse pré-construído se interliga às memórias da descoberta, do desbravamento, do pioneirismo e, logo, do discurso fundador.

Na observação do dito “O aeroporto foi o primeiro da Infraero a receber, em 2014, o Sistema ELO, uma solução de acessibilidade aos passageiros”, o veículo midiático desenvolve sua reflexão metafórica. Assim, “O aeroporto foi o primeiro da Infraero a receber”, serve a mais de um propósito, entre eles, demonstrar certo marco inaugural em 2014, fato esse já criador de um efeito de destaque e respeito às políticas públicas de inclusão. Em outros termos, é importante para a *Infraero* adquirir credibilidade como empresa responsável e que atende ao que determina à lei para pessoas com mobilidade reduzida. Desse ângulo, o *Portal Infraero* reproduz o efeito de sentido de legalidade ao mostrar uma de suas conquistas como *Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária*. Desse modo, entendemos os esquecimentos nº 1 e nº 2 (Pêcheux, 1997) funcionando como elementos fundamentais do processo discursivo (re)criador de efeitos de sentido entre interlocutores.

Pelos efeitos dos esquecimentos, a *Infraero* se posiciona na condição de empresa pioneira como se estivesse no marco zero do dizer fundador (zona nº 1) e como se esses dizeres só pudessem ser ditos dessa maneira e não de outra (zona nº 2). De outro modo, ao utilizar sintagmas como “A estrutura está instalada” e “a Infraero assumiu”, a mesma se posiciona em uma FD que determina que o sujeito interpelado pode (e deve) “instalar estrutura” e “assumir espaços”, estabilizando os dizeres na região de comando (zona nº 2). Refletindo sobre o caráter intersecional de “operação-missão”, o sujeito *Infraero*, fazendo emergir sua posição de mando, além de discursivizar a continuidade de seus esforços para manter o trabalho e o progresso de suas ações, insidiosamente deixa enunciado a posição de sujeito fundador (Orlandi, 2001) pela mencionada data e pela

exclusividade de sua operação, cravado no efeito do sintagma “único” em “Único terminal operado pela Infraero no Tocantins”, além dos sintagmas “climatização” e “conectores” transmitirem os efeitos parafrásticos (Orlandi, 2015) de “controle climático” e “acessibilidade”, respectivamente. Podemos afirmar que 2016 representa uma parcela do campo intradiscursivo (Courtine, 2014) dos sentidos nos quais as memórias ancoram outros dizeres no (des)contínuo da história (Orlandi, 1990).

Dessa projeção discursiva, observamos os efeitos de desenvolvimento, de conforto, de comodidade e, num processamento parafrástico mais amplo (Orlandi, 2015), de construção arquitetônica, os quais determinam o progresso que a *Infraero* empreende e, conseqüentemente, os benefícios que a capital obtém. Os efeitos supracitados que projetam o desenvolvimento urbano de determinada espacialidade também podem ser vistos em sintagmas como: 1) “A estrutura está instalada num dos maiores sítios aeroportuários do país” (efeito de grandeza e de importância); 2) “mais de 640 mil passageiros utilizaram o terminal, cerca de 10 mil a mais que a movimentação registrada em 2014” (efeitos de desenvolvimento, progresso e aceitabilidade de suas operações); 3) “acessibilidade aos passageiros” (fazendo emergir as memórias da inclusão do direito de locomoção de ir e vir presente na Carta Magna de 1988); 4) “possibilitando que as pessoas transitem por esse trajeto com segurança” (efeito de fundadora, daquela que chega primeiro para estabelecer os caminhos seguros); 5) “Em 1997, a Infraero assumiu a administração do aeroporto provisório (em virtude da recém-criada cidade de Palmas). Dois anos depois, em setembro, foram iniciadas as obras de construção do novo aeroporto, finalizadas em 24 meses”.

No que se refere a esse último trecho, os efeitos de pioneirismo, de construção arquitetônica, de desenvolvimento urbano e, sobretudo, de eficiência administrativa, mostram-se mais visíveis. Inicialmente, na debragem actancial enunciativa/enunciativa (porquanto o sujeito enunciativo é a própria instituição), temos a *Infraero* assumindo a administração do “aeroporto provisório”. O sintagma “aeroporto” (juntamente com seu caracterizador “provisório”) faz emergir, como supracitado, as memórias da fundação e, na projeção da imagem de si, a empresa posiciona-se como o sujeito fundador (Orlandi, 1990). Essa afirmação parte da pressuposição lógica de que se o aeroporto é provisório, não há nele condições de infraestrutura permanente, de modo que há uma necessidade de infraestrutura para deixar de ser temporário.

No campo interdiscursivo, observamos também os efeitos de eficiência administrativa quando, na projeção midiática, a *Infraero* se posiciona como “sujeito do fazer” aquele que “assume” um espaço em condições precárias, “provisório”, e que “dois anos depois” inicia as obras da construção do “novo aeroporto”. Ora, a *Infraero* (2022), desde 1930, guiada pelos interesses minerais da região de Cuiabá, capital de Mato Grosso, iniciou seu desbravamento para o interior do Brasil, sendo a empresa a monopolizar a construção de aeroportos no país. Desse ponto, as memórias emergidas dos pré-construídos (Henry, 1990) “provisório” e “novo” se entrecruzam para criarem a imagem do sujeito fundador, pioneiro que é chamado para “assumir” um lugar. Em um processamento parafrástico mais velado, “apropriar-se” de um espaço na responsabilidade de “inaugurar em 2001, o novo Aeroporto de Palmas”, quer dizer de um espaço restrito para si e para uma pequena parcela da sociedade que pode ter acesso a esse meio de transporte.

Em certa medida, é possível perceber esses funcionamentos pelas discursivizações midiáticas as quais projetam suas *Formações Ideológicas* (doravante FIId), ou seja, suas crenças sociais guiadas, em muitos casos, por seus interesses econômicos (Adorno e Horkheime, 1985). Por essa razão, através das memórias discursivas, ou melhor, “aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler vem restabelecer [...] os pré-construídos” (Pêcheux, 2015, p. 46), podemos rastrear as possíveis regularidades e as prováveis relações de sentidos estabelecidas entre as FDs (Orlandi, 2015) e sua aparente invisibilidade na afetação das interações em sociedade.

Para compreendermos melhor o funcionamento dessa “ordem invisível” (Calvino, 1990), isto é, das FDs que gerenciam, delimitam os dizeres, as tomadas de fala, e até aquilo que pode ou não ser feito nas interações sociais (Pêcheux, 1997), analisamos os dizeres veiculados pelo portal de notícias *O Coletivo*, com o título *Transporte Coletivo: Estação Apinajé ganha guichê com banheiro para funcionários e motoristas*, publicado em 23 de novembro de 2012.

O Coletivo - Transporte Coletivo: Estação Apinajé ganha guichê com banheiro para funcionários e motoristas

23 de novembro de 2012.

Depois de inúmeras reclamações, foi inaugurado na segunda-feira passada, na Estação Apinajé, um novo guichê de recarga de bilhete eletrônico e também um banheiro individual para os motoristas e funcionários. Porém, mais uma vez a população que por ali transita diariamente não obteve a sua principal reivindicação atendida: um banheiro para o uso de todos.

De acordo com o motorista Flávio Batista, antes de inaugurar o novo guichê, eles utilizavam o banheiro dos estabelecimentos que se encontram ali por perto da estação ou então faziam suas necessidades atrás dos ônibus. “Antes nós íamos no Sesi utilizar o banheiro de lá, ou então quando estávamos com muita pressa, íamos atrás dos ônibus mesmo. Agora facilitou por que fica mais rápido e o banheiro é individual, disse.

Para o estudante Frederico Gonçalves é uma falta de respeito com a população. “Isso não é justo, é uma falta de respeito com nós que passamos por aqui todos os dias e as vezes esperamos até meia hora para pegar um ônibus. Tem que ser construído um banheiro para que todas as pessoas possam utilizar”, pontuou.

[...] Novo Guichê

O novo guichê possui uma estrutura de blindagem que possibilita maior segurança e comodidade aos funcionários que recarregam os cartões (O Coletivo, 2012).

No título *Estação Apinajé ganha guichê com banheiro para funcionários e motoristas*, percebemos o funcionamento dos efeitos de novidade e de benefício trabalhando no sintagma “ganha guichê com banheiro”. Na organização enunciativa quem é o beneficiado? “Estação Apinajé” ou “funcionários e motoristas”? Mais uma vez, percebemos o jogo semântico que estabelece efeitos de aquisição, quando quem ganha é o sujeito do enunciado “Estação Apinajé” que, por ser um espaço urbano, beneficia, consequentemente, os sujeitos circulantes em sociedade.

Se, por um lado, a cidade é beneficiada com o progresso das espacialidades, ganhando “guichê com banheiro”, por outro lado, através da utilização da preposição “para” é estabelecida a restrição enunciativa desse benefício, porquanto tal sintagma que se une aos sintagmas “funcionários e motoristas” desvinculam outros prováveis sujeitos que circulam e utilizam a *Estação Apinajé*. Essa afirmação é constatada em outro recorte da notícia que diz: “Porém, mais uma vez a população que por ali transita diariamente não obteve a sua principal reivindicação atendida: um banheiro para o uso de todos”.

Nota-se, no trecho acima, a relação de oposição semântica entre “para funcionários e motoristas” e “para o uso de todos”, ou seja, privatividade *versus* coletividade. Ao empreender nossa análise, partindo do campo intradiscursivo (em que o benefício privado apaga a necessidade coletiva) para o campo interdiscursivo (Courtine, 2014), podemos observar o funcionamento das memórias da luta de classe. Estas denunciam o descaso e o desinteresse pela causa dos sujeitos posicionados na infraestrutura social (Althusser, 1992). De outro modo, há uma relação de força na qual o enunciador *O Coletivo* se projeta discursivamente em favor do povo, utilizando elementos linguísticos de uma FD popular, tais como “banheiro” (no lugar de toalete ou sanitário), “as vezes” (sem crase para marcar desconhecimento gramatical) e “com nós” (ao invés de conosco) que, além de marcar sua linguagem simples e coloquial, também se aproxima desse público por permitir, em discurso direto, a “voz dos necessitados”, marcados pelos nomes e profissões dos sujeitos em circulação nessa espacialidade, a saber, “o motorista Flávio Batista” e “o estudante Frederico Gonçalves”.

Nessa projeção em que as FImS são constituídas “em torno de relações hierarquizadas” (Orlandi, 2015, p. 37), motorista e estudante, historicamente, ocupam uma posição de obediência. Esta posição está pressuposta na falta de escolha que é projetada através dos enunciados “Antes nós íamos no Sesi utilizar o banheiro de lá” e “as vezes esperamos até meia hora para pegar um ônibus”. Em ambos os dizeres, a falta da espacialidade específica para as necessidades fisiológicas exprime o efeito do assujeitamento, submetendo um sujeito ao empréstimo de outras espacialidades (banheiro do Sesi) e o outro à espera de “até meia hora para pegar um ônibus” e, conseqüentemente, a necessidade desses tipos de espaços.

A partir dessa descrição, delinea-se a constatação de que as espacialidades urbanas refletem e refratam os jogos de poder, tornando perceptível a “ordem invisível” das cidades (Calvino, 1990), sendo constituídas como espacialidades materialmente discursivas, porquanto afetam sujeitos e sentidos. Essa percepção tanto da ordem econômica (Althusser, 1992) quanto das posições de mando e de obediência (Pêcheux, 1997) repousam nas FImS sobre as cidades. E, a partir de um olhar analítico sobre elas, é possível compreender o trabalho das memórias e das condições atuais de emergência desses dizeres.

No que concerne às discursivizações da *Infraero* e de *O Coletivo*, observamos a projeção do desenvolvimento, da disposição e da priorização de políticas públicas distributivas⁷, de acordo com a disposição dos sujeitos em suas respectivas espacialidades urbanas. As imagens projetadas se dão de maneira a respeitar a assimetria imposta por esse imaginário (as posições-sujeitos) em funcionamento cuja dinâmica deste “faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem” (Orlandi, 2015, p. 40). De outro modo, mesmo falando dos espaços, de passageiros, de população e de necessidades, as referencialidades deslocam os sentidos desses sintagmas.

No caso da *Infraero*, os passageiros contam com uma estrutura “instalada num dos maiores sítios aeroportuários do país”. Os efeitos denotados aqui apontam para sujeitos de poder aquisitivo elevado e, conseqüentemente, para uma abundância de espacialidade, não privativa, mas restrita a poucos. Já em *O Coletivo*, no enunciado “a falta de estrutura física das estações sempre foi alvo de reclamações da população palmense”, observamos os efeitos de falta e de precariedade reverberando nesse enunciado. O sintagma “estruturas”, discursivizado por ambos os sites de notícias, não representa as mesmas referencialidades e, portanto, emerge memórias distintas. Na primeira, as memórias do pioneirismo, do progresso. Na segunda, as memórias do descaso e da precariedade.

Tanto as memórias que compõem o discurso fundador (Orlandi, 2001) quanto as que constituem os efeitos de resistência cujo nascimento provém “de uma violência mais insidiosa e eficaz: a do silêncio” (Orlandi, 1990, p. 55) retornam do campo interdiscursivo os traços distintivos que determinam as relações de mando e de obediência. Especificamente, a posição do colonizador e do colonizado nos dizeres sobre Palmas. Ora, quem determina nas instaurações das espacialidades urbanas os nomes que serão dados para uma escola, uma ponte, um museu, uma estação de ônibus, um aeroporto etc.? As relações de força e de poder em nossa sociedade atravessam o (des)contínuo da história afetando sujeitos e sentidos e chamando à injunção os nomes que, em dado momento, circularam ou ainda circulam essas espacialidades.

Não podemos estabelecer uma relação ingênua com a linguagem (Orlandi, 2015) ao ponto de depreender que o nome do *Aeroporto de Palmas/Brigadeiro Lysias Augusto*

⁷ Termo adotado para designar a ação de distribuir certos serviços, bens ou quantias à população de uma cidade.

Rodrigues e a *Estação de ônibus Apinajé* não reclamam as memórias da exploração da terra, das delimitações dos espaços, da luta de classe, do silenciamento, da interdição e, em contrapartida, da resistência (Orlandi, 1990, 2007). O primeiro demarca a posição social privilegiada, a saber, o pesquisador, desbravador e pioneiro da aviação civil e militar brasileira (Nathasje, 2021); o segundo faz surgir os sentidos da coletividade colonizada, uma etnia indígena, habitantes das margens do Rio Tocantins e Araguaia (Ladeira; Azanha, 2003).

Ao detalharmos ainda mais nossa observação interdiscursiva a partir do pré-construído *Lysias Augusto Rodrigues*, observamos que esse representa uma regularidade discursiva mais ampla em que aeroportos recebem nome de sujeitos de prestígio e/ou sucesso (Soares, 2016), como o *Aeroporto Internacional Governador André Franco Montoro* (52º governador de São Paulo), o *Aeroporto Santos Dumont do Rio de Janeiro* (patrono da aviação brasileira); o *Aeroporto de Jacarepaguá Roberto Marinho*, Rio de Janeiro (jornalista e empresário brasileiro, proprietário do Grupo Globo) e o *Aeroporto de Belo Horizonte Carlos Prestes* (militar e político comunista brasileiro).

Em contrapartida, *Apinajé*, o pré-construído caracterizador de uma coletividade indígena, faz parte dos vários bolsões que compõem as estações do sistema de transporte público da capital do Tocantins, Palmas. Partindo em uma sequência contínua do Sul para o Norte, estão dispostas, da seguinte maneira: a *Estação Javaé* (Bairro Taquaralto), a *Estação Karajá* (Aureny I), *Estação Xerente* (Aureny III) - entroncamento da avenida do Aeroporto com Teotônio Segurado - *Estação Krahô* (1204 Sul), *Estação Xambioá* (604 Sul) e, por último, *Estação Apinajé*, a qual se encontra em frente ao *Centro Administrativo do Governo do Tocantins*, a *Praça dos Girassóis*. Ora, não seria coincidência as estações de ônibus respeitarem uma ordem geográfica similar à que suas respectivas etnias se apresentam no mapa tocantinense? Desconsiderando a ordem exata dessa geografia, as estações de ônibus simbolizam em suas disposições urbanas a posição do sujeito desprovido de meios de transportes mais eficientes e, pelo pré-construído *Apinajé*, é projetado o sentido de coletividade (e não de singularidade como o nome de um aeroporto), a história do sujeito (a ser) apagado da própria história.

Portanto, a partir da análise de nosso *corpus*, podemos compreender o funcionamento da ordem invisível, mencionada por Calvino (1990), trabalhando na construção social dos espaços urbanos e sendo projetada pelos discursos midiáticos. Essa

ordem de natureza discursiva que projeta as fábulas e retroalimenta as utopias (Foucault, 1999), (re)organiza também as FImS, cria a ilusão da linha reta da linguagem, ou seja, da objetividade e faz prosperar seus enunciadores. Estes que, pelas relações de força e de poder, estabilizam e mantêm o discurso fundador (Orlandi, 2001) e fazem com que os efeitos do pioneirismo perpetuem na história as posições de mando e de obediência de tal forma que projeta o ato social de nomear as espacialidades urbanas como um processo natural. De outro modo, os sentidos existentes nas notícias analisadas projetam a imagem de que cada classe social tem o seu lugar na espacialidade urbana, nasce para ser (o que é) e para estar em seu devido lugar, respeitando a ‘ordem maior’ que a determina.

Considerações finais

Em nosso percurso analítico, pudemos compreender e perceber o funcionamento das relações de poder nas construções midiáticas da rede de dizeres que projeta a cidade de Palmas, Tocantins. Observamos nos dois sites de notícias efeitos variados, tais como o progresso arquitetônico (*Aeroporto Lysias Augusto Rodrigues*) a morosidade, a decadência e o descaso com a população (*Estação de ônibus Apinajé*).

Observamos, também, que o pré-construído “completa 15 anos” marca o envelhecimento, a comemoração da vida de um sujeito, assim como atesta a inauguração de uma importante obra, de um grande monumento. Desse modo, vida e espacialidade são colocadas no mesmo grau de importância ao ponto de suscitar um efeito metonímico no qual sujeitos e espacialidades se relacionam num campo objetivo de inerente contiguidade.

Logo, se o sujeito está envolto aos efeitos de sucesso (Soares, 2016), bem-conceituado pelo grau de prestígio social (como um piloto desbravador ou um patrono da aviação, um general da PF, um governador ou um presidente, ou mesmo um grande escritor ou artista), deixa de ser um indivíduo e passa a ocupar não mais um lugar, mas uma posição simbólica, “constituída por relações hierarquizadas [...] relações de força sustentadas no poder desses diferentes lugares” (Orlandi, 2015, p. 37). Em contrapartida, não vemos nenhuma data discursivizada, rememorada marcando a inauguração, “o nascimento” do ponto de ônibus, ou melhor, uma estação de ônibus.

Se, por um lado, no recorte de notícia sobre o *Aeroporto Brigadeiro Lysias A. Rodrigues* (nome singular: aproximação) constatamos, por exemplo, a presença de um sujeito do fazer (*Infraero*) que assume a tarefa de construir um aeroporto que deve ser símbolo de progresso e de ascensão social para aqueles que ali passam; por outro lado, nas discursivizações sobre a *Estação Apinajé*, observamos a falta e o descaso com a população.

Nesse batimento descritivo-interpretativo, compreendemos que os espaços são valorados de acordo com seus habitantes. Dentro dessa perspectiva, surge o seguinte questionamento: os espaços sofrem a negligência ou os sujeitos e suas posições determinam a (des)importância (os cuidados) dos lugares que habitam?. Essa reflexão surge, porquanto observamos que a *Estação de ônibus Apinajé* faz parte do centro da cidade, um local muito relevante “perto do Palácio”, *Centro Administrativo do Governo do Estado do Tocantins*, no entanto, esse espaço é discursivizado como um local negligenciado. Já na discursivização do *Aeroporto Lysias Augusto Rodrigues* (que está localizado na periferia da capital), os efeitos de valorização se apresentam nos pré-construídos “conforto”, “acessibilidade” e “climatização”, porquanto seus usuários pertencem a uma classe social privilegiada financeiramente.

Dessa perspectiva, observamos que tanto os efeitos de “atenção” e “descaso” quanto os de distanciamento e de aproximação da presença do Estado, em determinados locais urbanos, projetam a ideia de que os espaços, ao mesmo tempo em que delimitam a classe social vivente, também marcam o cuidado e o respeito, assim como a desigualdade e a negligência das políticas públicas em um contraste urbano que produz um efeito paradoxal. Em outras palavras, o espaço da periferia comporta o lugar da elite materialmente representada pelo aeroporto, enquanto, na outra “ponta da rua”, ou melhor, da avenida *Teotônio Segurado*, no espaço central da cidade, sinônimo da notável arquitetura urbanística com toques monumentais de Oscar Niemayer, a *Estação (de ônibus) Apinajé* “intrometidamente ocupa” um espaço privilegiado.

Nesses dois contrastes urbanos, vemos o funcionamento da ordem invisível mencionada por Ítalo Calvino (1990) que, longe de ser invisível, atesta materialmente a ordem do discurso fundador (Orlandi, 1990, 2001), mantenedor da continuidade simbólica de movimentos anteriores a seu tempo/espaço. Se, por um lado, o *Aeroporto Brigadeiro Lysias A. Rodrigues* é projetado discursivamente como o “oásis da arquitetura

moderna”, não como uma “miragem nas areias escaldantes do esquecimento social”, mas como uma materialidade planejadamente disposta; por outro lado, a *Estação de ônibus Apinajé* perpetua a projeção do esquecimento, da criminalidade, da violência, da desordem, sinónimas que, de certa maneira, (in)conscientemente, são associadas ao lugar do indígena da floresta, da selvageria.

Dessa perspectiva, compreendemos que essas projeções midiáticas angariam seus adeptos a partir da manutenção desses efeitos os quais são constituídos por já-ditos e que reaparecem nas redes de dizeres sobre as cidades. É dessa forma que as espacialidades discursivas têm o poder de subjetivação de sujeitos. Foucault (2014, p. 85, *apud* Revel, 2005) põe em relevo que a subjetivação designa “um processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito”.

Portanto, entre “as utopias” e o nosso “percurso heterotópico”, quase aproximado dos olhares de Borges que “dissecam o propósito, estancam as palavras nelas próprias, contestam, desde a raiz *seus sentidos*” (Foucault, 1999, p. 12, grifos nossos); entre os discursos que idealizam as cidades e os espaços que representam os sujeitos, há um entrelaçamento polissêmico, um jogo metonímico e simbólico produzindo inquietantemente uma pergunta tão complexa quanto a elaboração de sua resposta: são os sujeitos que habitam as espacialidades urbanas ou são elas que “ocupam” o interior dos sujeitos? No receio de generalizar tal indagação, objetivamos não “desfazer os mitos”, ou melhor, os discursos, mas compreender seu funcionamento. E, nesse discernimento, propor a continuidade das pesquisas sobre as relações de forças e de poder trabalhando nas redes de dizeres “que ocupam as cidades” para que possamos, ao menos, dissipar a ingênua ilusão da objetividade da linguagem, a ilusão da linearidade da história e da total consciência do sujeito em suas tomadas de decisões. Com essa relação menos ingênua, poderemos compreender que essa ordem não é tão invisível como quer Calvino (1990), porque esse efeito invisível que controla todas as coisas na espacialidade urbana é “o real do discurso” (Orlandi, 2007, p. 29).

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre. Jean Davallon, Jean-Louis Durand, Michel Pêcheux, Eni P. Orlandi. **Papel da memória**; tradução Eni Pulcinelli Orlandi. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 7-63.

ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos do Estado**: Notas sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro 6 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

BOUCHER, Damião Francisco; SOARES, Thiago Barbosa. Discursividade verbo-visual: o humor no apagamento/marcação dos discursos midiáticos. In: SOARES, Thiago Barbosa; CUTRIM, Ilza Galvão; BUTTURI JUNIOR, Atilio (org). **Mídia Linguagem e Sociedade**: espaços, corpos e vozes na atualização da resistência. 1. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. 1ª ed. Companhia das Letras. 1990.

COURTINE, Jean-Jacques. **A análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970; tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 8ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

INFRAERO. **Aeroporto de Palmas completa 15 anos**. 2016. Disponível em: <https://www4.infraero.gov.br/imprensa/noticias/aeroporto-de-palmas-completa-15-anos-de-operacao/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

INFRAERO. **Histórico**. 2022. Disponível em: <https://www4.infraero.gov.br/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

LADEIRA, Maria Eliza; AZANHA, Gilberto. **Apinajé. Povos no Brasil**. Out. de 2003. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Apinaj%C3%A9>. Acesso em: 04 set. 2022.

NATHASJE, Illyas. Criador do Tocantins, Ciqueira Campos completa 93 anos. **O ProgressoNet**. 30 de jul. de 2021. Disponível em: <https://oprogressonet.com/noticia/8833/criador-do-tocantins-siqueira-campos-completa-93-anos>. Acesso em: 04 set. 2022.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12ª ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2015.

ORLANDI, Eni P. **As formas do Silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Discurso Fundador**/ Eni Puccinelli Orlandi org. – Campinas, SP: Pontes, 2ª edição, 2001.

ORLANDI, Eni P. **Terra à Vista! Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo**. São Paulo: Cortez, 1990.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In*: ACHARD, Pierre. Jean Davallon, Jean-Louis Durand, Michel Pêcheux, Eni P. Orlandi. **Papel da memória**; tradução Eni Pulcinelli Orlandi. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 7-63.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Orlandi. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**; Organizadores: François Gadet, Tony Hak; tradutores: Bethania S. Mariani. [*et al.*]; 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PLATÃO. **Diálogo – Crátilo (ou da Justeza dos Nomes)**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 1988.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos fundamentais**. Tradução: Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percorso Discursivo: heterogeneidades epistemológicas aplicadas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

SOARES, Thiago Barbosa. Discurso do Sucesso: sentidos e sujeitos de sucesso no Brasil contemporâneo. **Estudos Linguísticos**, (São Paulo. 1978), 45(3) 2016. p. 1082–1091. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/658>. Acesso em 01 set. 2022.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percorso Linguístico: conceitos, críticas e apontamentos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

TRANSPORTE Coletivo: Estação Apinajé ganha guichê com banheiro para funcionários e motoristas. **O Coletivo**. 2012. Disponível em: <https://ocoletivo.com.br/author/editor/>. Acesso em 6 nov. 2024.

Como referenciar este artigo:

FERNANDES, Elizangela Araújo dos Santos; BOUCHER, Damião Francisco; SOARES, Thiago Barbosa. Espacialidades discursivas: sentidos e sujeitos nas projeções midiáticas do Tocantins. **revista Linguagem**, São Carlos, v.48, n.1, p. 86-108, 2025.

Submetido em: 11/10/2022

Aprovado em: 31/10/2024

